

## 2

# Discurso digital: efeitos da automatização da leitura no campo teórico e analítico da Análise de Discurso

Cristiane Pereira Costa Dias  
Universidade Estadual de Campinas

## Introdução

Gostaria de começar situando o lugar teórico do qual parto para refletir sobre o discurso digital: o da Análise de Discurso materialista. Essa teoria, iniciada na França em torno dos trabalhos de Michel Pêcheux tem como obra fundadora o livro *Análise Automática do Discurso* (AAD69), em torno da qual Pêcheux trabalha na formalização da análise de discurso, conforme mostra Eni Orlandi (2019, p. 143) no texto “A Análise de discurso é possível?” Essa formalização se estabelece, para Pêcheux, pela informatização, daí a proposta da análise automática do discurso, “que lhe dá um instrumento para pensar a análise, tomando como unidade o enunciado, procurando abranger a relação da linguagem com suas condições de produção (sujeito e situação; e eu acrescento: memória).”

Nas palavras da autora:

Podemos dizer que este modelo não teve o sucesso esperado/desejado, mas é heurísticamente muito produtivo. O que se pode depreender pelos desenvolvimentos posteriores [...] Mas, se, com a informatização, ele não ganha ainda a legitimação de seu modelo e de uma sua escrita formal, no entanto, seu interesse pela informatização, em uma conjuntura em que se pensa a tradução automática, modelos matemáticos para a linguagem, e em que as tecnologias de informação começam seu enorme desenvolvimento, o coloca como um precursor. Esta sua posição se constitui não só pela natureza das questões que suscita, mas também pela qualidade das respostas que busca. Não se trata, portanto, de pensar conteúdos

daquilo que vai se construindo com seus “andaimés”, mas de seus procedimentos na busca das noções que vão constituindo seu caminho e as possibilidades de analisar discursos. Ele está, ao mesmo tempo, produzindo uma teoria e estabelecendo procedimentos de análise na construção de um método (ORLANDI, 2019, p. 143).

Esse lugar de filiação teórica para mim e, com ele, o objeto discurso, é incontornável, embora o conceito de discurso, objeto da análise de discurso, tal como formulado por Pêcheux na conjuntura dos anos 60/70, encontre hoje questões que movem uma virada, como sugere Orlandi (2012). Uma virada na práxis da Análise de Discurso, “dada sua nova conjuntura: novas condições de produção de discurso e novas formas de assujeitamento” (ORLANDI, 2012, p. 41). Essa virada consiste na inauguração de um novo campo de questões.

É desse modo que tenho trabalhado com o digital como campo de questões. Partindo da premissa fundamental de que a Análise de Discurso não é uma teoria acomodada, sedentária, embora trabalhe com princípios teóricos incontornáveis, o discurso digital se estabelece para mim como campo de questões no interior do qual podemos compreender novos objetos de análise, no interior do qual podemos compreender as condições de existência e desdobramento das discursividades. Como pontua Orlandi (2017), se a imprensa, em tempos anteriores, se constituiu como condição de existência e desdobramento das discursividades, hoje, o digital ocupa esse lugar.

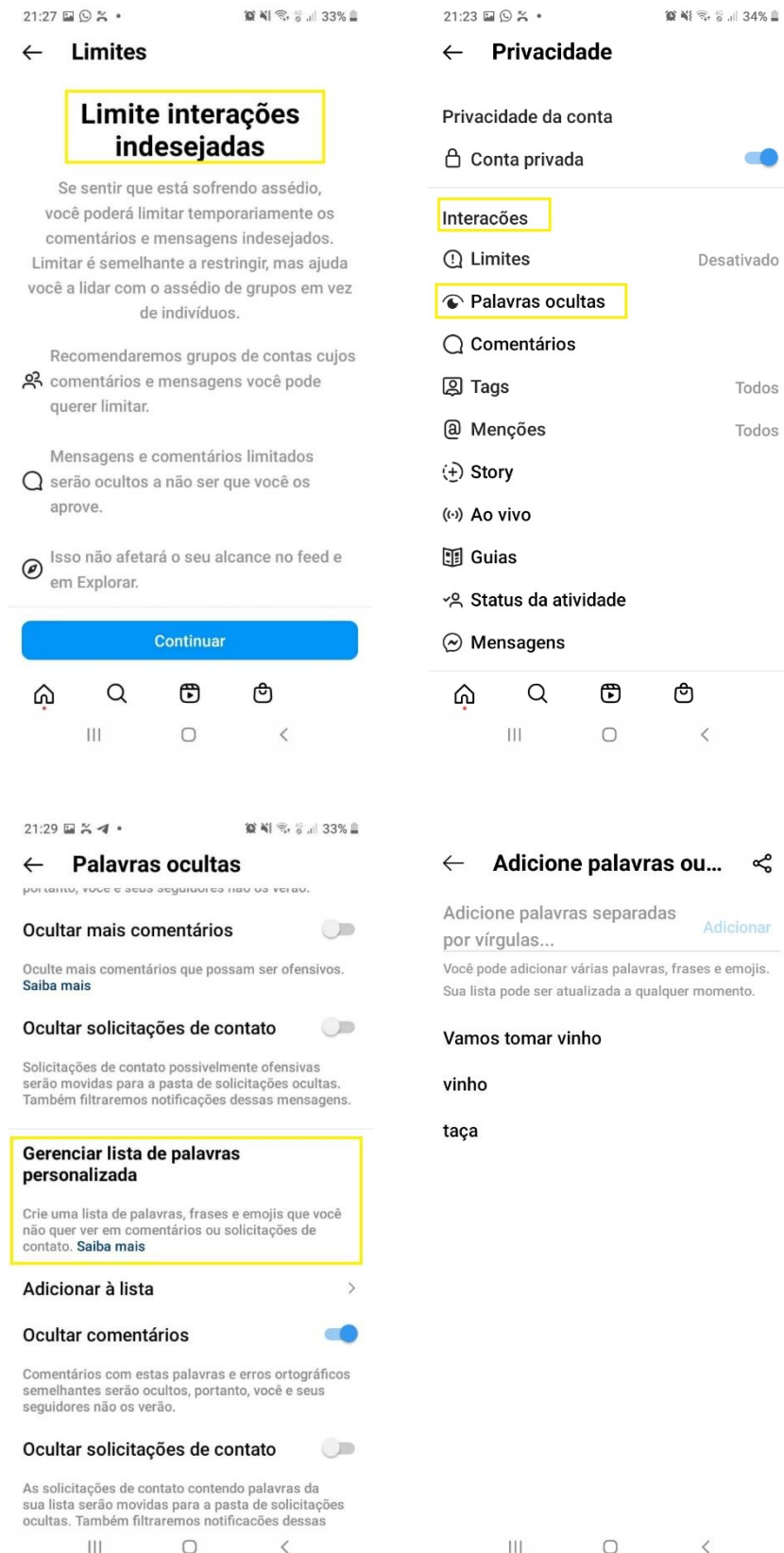
Michel Pêcheux, citado por Orlandi (2019), diz: “não são as respostas que envelhecem, são as questões”. Assim, entendo que o digital inaugura um novo campo de questões à análise de discurso, o que pode permitir um alargamento do seu campo conceitual, bem como do modo como a análise se realiza em seus procedimentos.

É nessa perspectiva que pergunto: como é que o digital afeta contemporaneamente os modos de ler, pela automatização? Automatização da leitura, da produção e da circulação dos sentidos.

## 1 A automatização das interações

A rede social Instagram oferece aos seus usuários um recurso automático que permite a “limitação das interações” indesejadas, tal como podemos ver nas capturas de tela apresentadas a seguir.

Figura 1. Sequência de capturas de telas para limitar interações indesejadas no Instagram

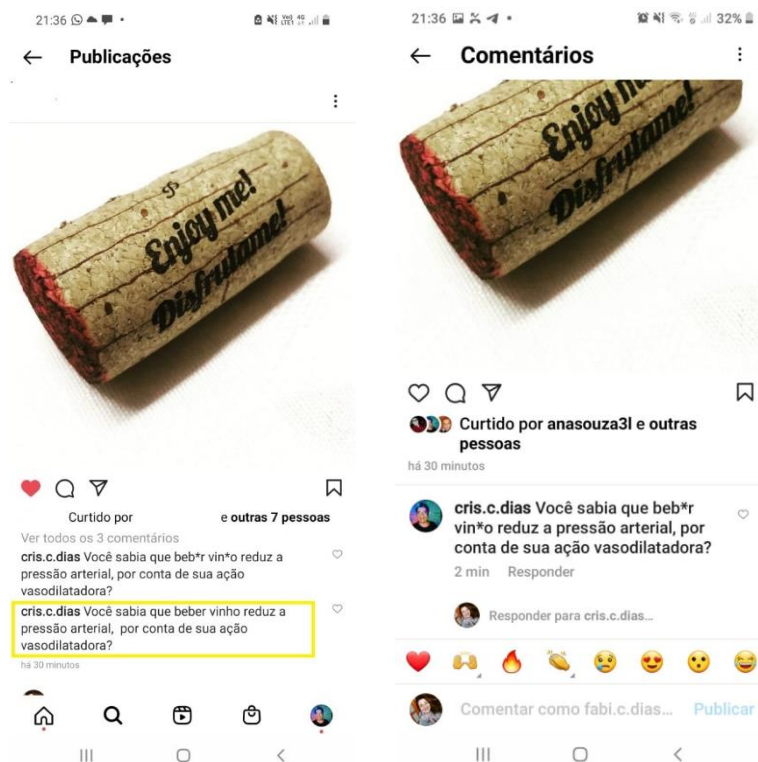


Fonte: extraído de Instagram.

Limitar as palavras para limitar os sentidos. Simplesmente decidir não ver aquilo que não se quer, ao criar uma lista de palavras, frases e emojis que não queremos ler nos comentários de nossas postagens. Eis a automatização das interações pelo processo de escrita/leitura que se constitui por uma dimensão técnica do silêncio, aquela que põe em relação silêncio e tecnologia da linguagem. Ao lado da dimensão fundante do silêncio, que põe em relação silêncio e linguagem, e da dimensão política do silêncio, que põe em relação silêncio em corpo da linguagem, formuladas por Orlandi (1994), a dimensão técnica do silêncio, “é aquilo que funciona à margem do enquadramento, da nitidez ou mesmo da coerência do dizer, mediado pela máquina. É aquilo que se destaca ou aquilo que se apaga, para silenciar sentidos de um objeto simbólico, por meio de recursos técnicos” (DIAS, 2018, p. 191).

Pelo funcionamento da limitação de interação, não significa que o sentido não se produziu, já que quem comenta (com palavras indesejadas) vê o seu comentário e não sabe que ele não foi publicado. Ele não sabe que foi silenciado. Mas quem limita as palavras (e os sentidos) não lê/não sabe que ele se formulou e nem como.

Figura 2. Postagem do Instagram com limitação de interação



Fonte: publicação de @cris.c.dias

Na primeira captura de tela, temos 2 comentários. O segundo é um comentário no qual constam as palavras silenciadas na lista de palavras do sujeito que utilizou o recurso de limitar interações do Instagram, como é possível ver na última captura da figura 1. Esse comentário só aparece para o sujeito que comenta, como podemos ver na segunda captura da figura 2, que é o perfil do sujeito limitador.

Mas essa dimensão técnica do silêncio, produzida por um processo de automatização da leitura é passível de deriva, pelo funcionamento do que tenho chamado *memória digital*, ou seja, aquilo que escapa à estrutura totalizante da máquina e faz o sentido derivar, produzindo uma outra formulação ao furar o espaço de automatização da leitura. É o caso da utilização do asterisco para grafar a palavra "vinho", que foi escrita como vin\*o e, por isso, apareceu nos comentários da postagem.

Esse exemplo nos dá uma ideia de como os sentidos, a interpretação, a leitura, enfim, se automatizam, e, com ela, a relação entre sujeitos.

É disso que se trata quando pensamos o digital como condição e desdobramento das discursividades. Como produzir um espaço polêmico das leituras de arquivos em condições de produção das discursividades que automatizam a escrita, a leitura, os sentidos?

## 2 Efeitos da quantidade na constituição do corpus

Passemos agora a um segundo momento da análise que diz respeito à questão que me mobiliza nessa reflexão, a saber, como é que o digital afeta contemporaneamente os modos de ler, pela automatização?

Esses exemplos<sup>2</sup> se relacionam com o modo como organizamos nossos arquivos de pesquisa afetados por essa maquinaria dos sentidos que passa pela automatização da leitura.

(1) "Na busca das mensagens de ódio aos **nordestinos** no universo digital que circularam durante a campanha eleitoral de 2014, a primeira circunscrição foi na captura das mensagens com a palavra **nordestino**, que já vamos considerar aqui nosso primeiro grande referente. Chegamos a um arquivo com mais de 123.866 posts no Twitter que continham esta referência, no período de janeiro a outubro de 2014, capturados por meio de aplicativo de busca (pelo pesquisador Alexandre

---

<sup>2</sup> Os 4 exemplos aqui analisados foram retirados da dissertação de mestrado de Adriana Vilar de Menezes, desenvolvida sob minha orientação no Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC IEL/Labjor - Unicamp) (MENEZES, 2019, p. 27).

Fioravante de Siqueira). O conjunto de posts incluía tanto mensagens de ódio quanto outros conteúdos (relacionados a futebol, turismo, protestos, elogios...). O tamanho e a diversidade de assuntos do arquivo nos levou a fazer nova circunscrição.”

#### (2) NOTA DE RODAPÉ

Os tuítes foram extraídos pelo uso da ferramenta GetOldTweets [1], implementada na linguagem de programação Python [2], por ação executada pelo pesquisador cientista Alexandre Fioravante de Siqueira. Para criar o banco de dados utilizado nesta pesquisa, foram considerados tuítes entre 01 de janeiro e 31 de outubro de 2014. O comando usado é dado a seguir:

```
$ python Exporter.py --querysearch &quot;nordestino&quot; --since 2014-01-01 --until 2014-10-31. Os argumentos --querysearch, --since e --until representam a expressão a ser buscada, a data de início e a data de fim da busca, respectivamente. A ferramenta GetOldTweets se conecta ao Twitter e executa o download dos tuítes que possuam as características passadas por meio dos argumentos.
```

[1] HENRIQUE, J. GetOldTweets-python, 2016. Disponível em: &lt;[https://github.com/Jefferson-](https://github.com/Jefferson-Henrique/GetOldTweets-python)

Henrique/GetOldTweets-python &gt;. Acesso em 16 de março de 2019.

[2] VAN ROSSUM, G. Python tutorial, Technical Report CS-R9526, Centrum voor Wiskunde en Informatica (CWI), Amsterdã, 1995.

(3) “Chegamos ao *corpus* formado por 10 mensagens que, além da regularidade do ódio e do extermínio do *nordestino* pela repetição das palavras morte, morra e morram, tem também em comum um grupo de palavras que se repetem: seca, fome, miséria, pobre, vagabundo, burro, trabalho, bolsa família. No **arquivo de 123.866 posts** com o referente *nordestino* no Twitter, elas aparecem em grande número: **burro está em 3.698 posts; bolsa, em 2.355; pobre, em 2.348; seca, 1.477; rede, 1730; fome, 670; bolsa família, 530; vagabundo, 503; miséria, 40.** Na tentativa de anexar ao trabalho o arquivo (de Excel) que **contém o corpus com estes 123.866 posts**, convertemos o documento em pdf, que resultou em **7 mil páginas**, eliminando assim a possibilidade de anexá-lo, e produzindo o efeito da falta de domínio total do arquivo, pelo excesso, porque, afinal, quem faria esta leitura por completo? Certamente ninguém. Diante disso, **podemos afirmar que a leitura de nosso arquivo é uma ‘leitura automatizada’**, visto que o nosso **arquivo se constitui pela quantidade e é trabalhado por mecanismos de busca por palavras.**”<sup>3</sup>

(4) Imagem 2: Reprodução do arquivo em Excel com **123.866 links de posts do Twitter**<sup>4</sup>

Temos aqui a descrição da construção do corpus de pesquisa de Adriana Vilar de Menezes, que desenvolveu a pesquisa no MDCC, sob minha orientação, sobre o discurso de ódio no Twitter nas eleições de 2014. A dissertação intitulada “Nordestino na rede: discurso de ódio e disputa de sentidos no Twitter nas eleições 2014” foi defendida em 2019.

O que quero destacar com os exemplos anteriores é o funcionamento da quantidade na significação das palavras e do sentido de *nordestino*, tal com Menezes (2019) constata em sua pesquisa. Também vale destaque aqui o

<sup>3</sup>Os grifos são meus.

<sup>4</sup>Os grifos são meus.

funcionamento da quantidade na constituição do *corpus* da pesquisa. Diante disso, podemos perguntar: qual a relação de leitura de arquivo temos por meio de um sistema de busca ou programa de raspagem de dados? Não estaríamos produzindo universos logicamente estabilizados? O problema da leitura não se reduziria aí a um “tratamento da informação” por meio de uma “operação” tecnológica que seleciona sequências e palavras algoritmicamente? Não produziria esse modo de construção do arquivo um “fechamento da situação de interpretação”?

Recorro aqui a Pêcheux (2010) não para responder, mas para problematizar essas questões:

É a este preço que se poderá evitar substituir questões por “objetivos operacionais”, a curto prazo relativamente fáceis de atingir, mas de muito pouco interessante, pelo menos caso se trate de questionar os recursos da inteligência humana em luta com o arquivo textual, e não de disciplinar o exercício desta através de dispositivos (de classificação, de indexação etc.), que derivam mais da gestão administrativa e do sonho logicista de língua ideal que da pesquisa científica fundamental (PECHEUX, 2010, p. 59)

Lembremos que a análise de discurso tem como objeto as discursividades de espaços discursivos não estabilizados logicamente e isso resulta em um certo número de consequências teóricas e de procedimento que devemos situar ao lidarmos com o arquivo digital.

É nesse sentido que a análise de discurso, naquilo que diz respeito a sua práxis, tem formulado novas indagações, um outro programa de leitura ao se perguntar, o que “o conceito de discurso pode produzir hoje”? (ORLANDI, 2012, p. 43).

## Considerações finais

A reflexão proposta nesse texto resulta de uma pesquisa mais ampla sobre o conceito de discurso digital e sobre a importância de sua conceituação para a compreensão do modo como fazemos pesquisa hoje, mas também para a compreensão dos modos de leitura que afetam os processos de significação e de existência dos sujeitos na sociedade.

O gesto de análise que propus aqui buscou mostrar como o funcionamento dos algoritmos e da automatização em redes sociais que utilizamos cotidianamente afeta, determina e delimita nossas relações de

sentidos. Por outro lado, busquei levantar questionamentos sobre o modo como temos feito pesquisa a partir da constituição de arquivos automatizados e os efeitos que a leitura de arquivo pode produzir nos processos de interpretação.

Considero que é preciso refletir sobre os dispositivos e procedimentos de pesquisa que temos mobilizado para compreender o funcionamento dos discursos.

## Referências

- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- MENEZES, Adriana Vilar de. Nordeste na rede: discurso de ódio e disputa de sentidos no Twitter nas eleições 2014. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Jornalismo Científico, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2019. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_e87b31e4d44638ad7d1492c792db85fa](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_e87b31e4d44638ad7d1492c792db85fa). Acesso em: 30 jan. 2022.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**. Campinas: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- ORLANDI, Eni. **Eu, tu, ele**: discurso e real da história. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, Eni. AAD-69: uma referência incontornável. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 44, p. 335-347, 2019.
- PECHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.



## 3

# A medicalização e o silêncio no discurso sobre tatuagem e *body piercing*: análise dos dizeres de sujeitos *youtubers* em vídeos

José Railson da Silva Costa  
Universidade Federal da Bahia

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como o processo de medicalização dos corpos marcados pela tatuagem e pelo *body piercing* estão presentes no discurso de *youtubers* que debatem sobre essa temática e como o silêncio do discurso contribui para novos gestos de interpretação e de sentido. Para isso, foram tomadas como objeto de análise as transcrições linguísticas de dois vídeos do *YouTube*, cujas enunciantoras, que são sujeitos com corpos marcados, relatam sobre suas experiências com a tatuagem e o *body piercing*, preconceitos, além dos cuidados pré e pós-marcação corporal. A escolha metodológica se justifica pela necessidade de melhor alinhar a análise de dados por intermédio das teorias linguísticas, como é o caso da Análise do Discurso, campo teórico tomado como base neste trabalho. Assim, não serão consideradas como materialidades os sons ou imagens, por comporem outras semioses.

Os vídeos em questão são intitulados de “Meu primeiro piercing doeu muuuuito” do canal *Julia Pontes* e “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D” do canal *Maryanne Davila*, a partir dos quais foram observadas a materialidade linguística, a fim de analisá-la no viés discursivo sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso com Pêcheux (1983, 1995, 2010). A partir desses pressupostos centrais, desenvolveram-se outros conceitos fundamentais como de interdiscurso, que caracteriza o exterior

necessário através do qual o discurso é articulado; e formação discursiva, aquilo que é dito anteriormente em uma conjuntura específica para que o discurso seja materializado, ou seja, a matéria prima para um novo discurso.

Já o silêncio, tal qual proposto por Orlandi (2007), se caracteriza não pela falta de palavra de materialidade do som, mas pelo processo de silenciamento próprio através do qual todas as palavras estão sujeitas. Dessa forma, ela conceitua um silêncio que fala por si só e que habita as palavras.

Em outra vertente teórica, para elucidar as discussões relativas à história do corpo, a tatuagem e ao *body piercing* e aos desdobramentos da difusão da prática na modernidade, recorreu-se a LeBreton (2012, 2013) e Ferreira (2010, 2014). Esses autores serão fundamentais para que se possa vislumbrar o significado social e histórico que as marcações corporais desenvolveram, a importância da técnica clínica incorporada a essa atividade, assim como seu efeito político e transformador nas identidades dos sujeitos.

Com a articulação dessas referências basilares e auxiliares, espera-se propor uma reflexão acerca de como a medicalização incide sobre o sentido discursivo da prática da marcação do corpo na atualidade, sobretudo quando propagada no ambiente virtual, além da observação de outros sentidos através do silêncio.

## 1 Formação discursiva e interdiscurso

A Análise do Discurso, tal como desenvolvida por Michel Pêcheux, se edificou tendo como pilares fundamentais o Estruturalismo saussuriano, o Materialismo histórico-dialético e a Psicanálise freud-lacaniana. A teoria se inicia recebendo destaque através de um artigo sobre as Ciências Sociais, creditado sob o pseudônimo de Thomas Hebert, mas é com a publicação de “A análise automática do discurso” (AAD-69) que Pêcheux instaura um instrumento de análise discursiva através do qual seria possível estabelecer relações entre o sujeito da linguagem e o sujeito do discurso (HENRY, 1969).

Ao passo que a AAD instaura uma teoria de discurso, apesar do propósito de romper com as amarras de análise mecanicista de texto, o autor se encontra preso a um viés ainda muito estruturalista, ao se debruçar fortemente sobre uma posição fechada de máquina-sujeito. Entretanto, ao longo do seu amadurecimento epistemológico, Pêcheux insere outros conceitos a sua teoria,

fazendo-a se expandir e se tornar mais flexível, tanto com a noção de sujeito, quanto com a noção de discurso, que se tornam mais heterogêneas.

Esse “deslocamento”, nas palavras do próprio Pêcheux (1983), conduz ao que desembocaria em uma divisão da teoria em três fases, delimitadas pelo próprio autor, além da introdução de dois conceitos-chaves: formação discursiva e interdiscurso. O primeiro desses conceitos foi introduzido por Michel Pêcheux por empréstimo de Michel Foucault, contudo a formação discursiva tal qual adotada na Análise do Discurso não diz respeito a um poder-saber como proposto na teoria foucaultiana, mas refere-se a materialização de ideologias de discursos anteriores em novos discursos.

Sobre essa discussão, lê-se o seguinte:

Chamaremos, então, *formação discursiva*, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHUX, 1995, p. 160 – grifo do autor)

Esse conceito, que entra fortemente na segunda fase da teoria, aponta para uma heterogeneidade no discurso, pois ao contrário do início dos estudos da área, as formações discursivas representam discursos anteriores, materializados através da língua, que constituem novos discursos. Logo, eles não têm uma origem pré-determinada, pois são condicionados e atravessados pelos já-ditos de outros sujeitos discursivos, que são interpelados por ideologias distintas e emergem de lugares diferentes na luta de classes.

A interpelação ocorre inconscientemente, fazendo com que os sujeitos tenham uma falsa impressão de que são donos dos seus dizeres, quando na verdade estão assujeitados. Todas essas ideologias são, dessa forma, perpassadas pelos sujeitos do discurso sem que se tenha consciência delas. Destaca-se então, o processo através do qual essas formações discursivas interpelam esses indivíduos e seus discursos, o interdiscurso.

Sendo assim, o próprio Pêcheux (1995) define o interdiscurso como o caminho ou possibilidade para que a formação discursiva seja a condição de um novo discurso, já que ela é o lugar de constituição do sentido. Ainda sobre essa reflexão, o autor completa:

Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma,

a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que "algo fala" (*ça parle*) sempre "antes, em outro lugar e independentemente", isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÉCHEUX, 1995, p. 162, grifo do autor)

Essa afirmação consiste em dizer que o interdiscurso está no nível do encadeamento da estrutura discursiva, como exterioridade necessária para fazer com que as ideologias se permeiem e sejam materializadas a partir das formações discursivas. Por conseguinte, todo discurso apontará para algo que fala antes, um já-dito perpassado no inconsciente desses sujeitos do discurso, proporcionando novos sentidos na cadeia discursiva.

No decorrer da teoria, ao adentrar em uma terceira fase, os conceitos de formação discursiva e principalmente de interdiscurso se fazem consolidados, em um momento em que se acentuam as discussões, sobretudo sobre as heterogeneidades enunciativas e memória, assim como outros conceitos que se desdobraram a partir da teoria da Análise do Discurso, em estudos de outros autores, como é o caso do silêncio na perspectiva de Eni Orlandi, que será discutida na seção seguinte.

## 2 O silêncio no discurso

A discussão sobre silêncio que se pretende estabelecer aqui está pautada no alinhamento com as reflexões que se sucederam ao longo do desenvolvimento da Análise do Discurso, a partir dos estudos da pesquisadora brasileira Eni Orlandi. Esse movimento consiste em conceituar esse silêncio no discurso e apresentar as formas em que ele emerge na língua, como também seus efeitos de sentido.

A obra basilar de Orlandi para abordar o silêncio tem como título "As formas do silêncio: no movimento dos sentidos" e um dos elementos mais enfáticos logo no início da obra, é como a autora chama a atenção sobre o que seja o silêncio na perspectiva dos estudos do discurso e qual significado que esse silêncio traz. Assim, é pontuado qual o significado do termo silêncio, que foge da conceituação convencional, como não sendo a falta da palavra, mas a palavra enquanto atravessada pelo silêncio que significa por si só.

Fica mais fácil de compreender essa ótica quando Orlandi (2007) faz uma série de alusões sobre como esse silêncio "foi relegado a uma posição

secundária como excrescência, como o “resto” da linguagem” (p. 12). Segundo tal ponto de vista, o silêncio teria sido negligenciado ao longo dos estudos da linguagem, sendo visto como uma falta, como um vazio e como ausência de significação, quando na verdade o trabalho com essa perspectiva, à luz dos estudos discursivos, mostra que ele é uma fonte importante de significação para a língua e que ele significa mesmo quando há excesso de palavras.

A proposição tem como pilar teórico a Análise de Discurso pecheutiana e alguns conceitos dessa teoria são fundamentais para compreender como esse silêncio atravessa as palavras. O ponto fundamental que recai sobre ele, no entremeio dessa discussão, tem a ver com o não-dito, já que à priori, o silêncio não é visível na materialidade linguística, por isso, se faz necessário recorrer aos conceitos da Análise do Discurso para que se possa inferi-lo. Dessa forma, a autora destaca o seguinte:

Com efeitos através da reflexão sobre o silêncio, reflexão que tem como base a formulação de questões que pensassem o “não-dito” discursivamente, para que se tornassem visíveis aspectos deste que não aparecem no tratamento linguístico ou pragmático dado a ele, também alguns aspectos da análise de discurso se tornaram mais claros. (ORLANDI, 2007, p. 15)

A intersecção que se destaca entre essas perspectivas de estudo da linguagem, segundo a autora, é a noção de imaginário e de real, ambos oriundos de uma vertente psicanalítica, mas que são organizadas de modo a dialogar com a teoria de discurso. Essa noção de imaginário, a que Orlandi se refere, está inclusive presente fortemente no início do desenvolvimento da Análise do Discurso, momento em que Pêcheux desenvolve o quadro das formações imaginárias, através do qual é possível propor uma metodologia para análise de *corpus* e enriquecer o instrumento que a teoria almejava, que era a Análise Automática do Discurso.

Em outras palavras, apesar de alguns conceitos se destacarem em alguns momentos da teoria, eles representam uma conjuntura teórico-metodológica que compõem a área de estudo como um todo e que não foram abandonados ao longo do seu desenvolvimento, apenas acrescidos de novas reflexões. Dessa forma, é possível pensar também como o silêncio na linguagem se insere enquanto elemento substancial para contribuir com a teoria da AD pecheutiana, de modo a possibilitar novas reflexões sobre conceitos já cristalizados. Além disso, é possível vislumbrar caminhos de análise para pensar

a partir do silêncio, uma historicidade na língua, bem como as ideologias que daí emanam, atreladas aos lugares sociais.

Há ainda uma discussão importante que Pêcheux tece ao passo que desenvolve o que ele viria a chamar de terceira fase da Análise de Discurso, o conceito de memória. Essa discussão é muito importante para pensar o rumo nos estudos do silêncio e suas possibilidades de significação. Esse silêncio fica silenciado nas palavras, segundo Orlandi (2007) e é a partir da observação do não-dito e do implícito que é possível reconstituí-lo, sendo assim, é importante observar a memória.

Pêcheux conceitua a memória da seguinte forma:

*A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1995, p. 52)*

É possível perceber que a partir da existência de uma memória discursiva inferem-se não só as ideologias que se perpetuaram na história e se materializaram na língua, mas também os silêncios que estão ali presentes por meio de um “não-dito”, mas que tem relação com os já-ditos próprios das formações discursivas. Cabe ainda ressaltar que Pêcheux (2010) define essa memória discursiva não como um aspecto individual, mas coletivo, já que essa a sustentação teórica da Análise do Discurso se faz também a partir da luta de classes e observar a interpelação dos sujeitos através da história tem um desdobramento importante no estudo das ideologias e sobre como essas ideologias são heterogêneas, já que elas se materializam e falam antes a partir de diversas vozes.

Apesar de o silêncio apresentar algumas classificações, destaca-se o fato de que não é mais possível deixar o silêncio em uma posição secundária da linguagem, já que ele significa e contribui para a opacidade da palavra. Além disso, o estudo sobre o silêncio possibilita uma expansão e continuidade nos estudos em Análise do Discurso, proporcionando uma maior amplitude de conceitos e conseqüentemente de pesquisas mais enriquecedoras.

## 2 Tatuagem e o *piercing* na modernidade

Mesmo com origens diferentes e por diversos motivos, sejam eles religiosos, bélicos ou fúnebres, as marcações corporais sempre estiveram presentes em diversas culturas orientais e ocidentais, como afirma LeBreton (2012, 2013). Entretanto, o autor ressalta a expansão mais acentuada das marcações conhecidas atualmente como a tatuagem e o *body piercing*, no ocidente. Entre as causas que mais se destacam, estão os movimentos de contracultura que surgiram no século XX, como em Woodstock e pode-se citar ainda a fragmentação das identidades, que antes eram mais centralizadas e começaram a se tornar heterogêneas e contraditórias (HALL, 2006), de um modo geral.

Se tratando do ocidente, essas marcações têm antecedentes de marginalização quanto a sua difusão da forma como é conhecida hoje em dia. Jeha (2019) se debruçou mais especificamente sobre a tatuagem e comenta que esse tipo de marcação foi trazido pelos marinheiros e, posteriormente, se difundiu especialmente entre presidiários, os quais propiciaram a confecção dos desenhos em condições insalubres, com agulhas compartilhadas e sem nenhuma técnica ou conhecimento sobre anatomia humana. Para além das questões de saúde que envolviam a prática da tatuagem, em que pode ser acrescentado também o *piercing*, que são passíveis de causar doenças infecciosas, os estereótipos do corpo marcado ficaram situados de forma negativa e se perpetuaram ao longo das décadas subsequentes, como práticas de pessoas “anormais” fora de um padrão de corporalidade e naturalização.

Segundo Ferreira (2014), a tatuagem e o *body piercing* possuem um poder disruptivo, especialmente em relação aos jovens. A prática carrega uma série de simbologias sociais e existe enquanto um instrumento de resistência contra as normatividades. Na perspectiva da modernidade, o autor comenta como a marcação do corpo se tornou um elemento necessário para demarcação da existência e da individualidade em uma sociedade capitalista onde o sujeito sente a necessidade de reafirmar sua existência o tempo inteiro.

Sobre esse aspecto inerente a marcação corporal o autor comenta:

A legitimidade desse ato de transgressão, estes jovens encontram-na não na sua ancestralidade e universalidade, mas também, sobretudo, na convicção subjetiva de exercerem um direito condicional de intervenção sobre o próprio corpo, o único e precioso bem

capitalizável que sentem como verdadeiramente seu, sempre disponível à sua ação e com o qual sempre poderão contar. (FERREIRA, 2014, p. 413)

Essa reflexão feita pelo autor revela o direito de exercer quaisquer ações sobre esse corpo, que até alguns séculos atrás estava submisso ao estado e às instituições. A partir desse sentido de propriedade privada que recai sobre o corpo proveniente do sistema capitalista, emerge o poder de resistência e de emancipação muito comum dos jovens que lutam por seus direitos. Mas para além dessa visão da tatuagem e do *body piercing* enquanto ato de emancipação, atrelado a essas reflexões propostas por Ferreira, é possível vislumbrar sobre a realidade daqueles sujeitos que não estão inseridos em um círculo de militância ou de movimentos sociais, mas que ainda assim têm as marcações corporais como um refúgio da sua identidade visualmente exteriorizada.

Apesar de os aspectos negativos que ainda recaem sobre a prática da marcação do corpo e da luta constante por novas formas de existência de um corpo não naturalizado, a tatuagem e o *piercing* ganharam espaço e aceitabilidade em alguns espaços sociais, como é o caso do mercado de trabalho, porém o espaço para o corpo marcado ainda é restrito para algumas profissões, como apontam Pedro e Aguiar (2016), não incluindo, por exemplo, juízes, médicos, advogados, entre outros. Todavia, a abertura desse espaço social a estes corpos que se encaixam na categoria do diferente, ou muitas vezes do exótico, contam com a presença da figura do profissional de tatuagem, que na atualidade é um ramo profissional reconhecido e tem a sua disposição as técnicas e procedimentos específicos para a inserção de desenhos e peças de metal na pele de outros sujeitos.

Ferreira (2010) diferencia a tatuagem e o *body piercing* da joalheria convencional, pois esse tipo de marcação corporal tem uma natureza permanente e invasiva que as singularizam, sendo assim encarnadas pelos sujeitos que as incorporam, não sendo apenas colocadas sobre a *cútis*, como os brincos, por exemplo.

As discussões colocadas em questão até o momento sobre a individualização e a heterogeneidade identitária dos sujeitos, além da comercialização das marcações corporais e da profissionalização dos profissionais que as fazem, proporcionam um novo espaço para o corpo, que



o faz experimentar as novas formas de medicalização que estão para além dos profissionais de saúde. Esse espaço propicia que sujeitos rompam com um espaço sacro, como afirma Ferreira (2010), pois esse processo de ritualização de produção de dor intencional produz novos sentidos de existência, que geralmente são evitados pelo meio médico.

O corpo enquanto materialidade configura-se em um novo instrumento de resistência, pois:

A pele tem funcionado como *limite*, como fronteira instituinte de um espaço sagrado e interdito – o interior do corpo – cujo acesso, tradicionalmente, era apenas permitido a um conjunto de peritos investido de autoridade medicamente consagrada, em situações elas próprias também legitimadas do um ponto de vista clínico. (FERREIRA, 2010, p. 232)

Com o exposto acima, é possível observar que o conhecimento que antes era restrito ao espaço dos profissionais da saúde, agora é aplicado através de técnicas de profissionais fora desse campo de atuação. Se por um lado, parte da sociedade ainda carrega um estigma sobre a tatuagem e o *body piercing* devido aos primeiros sujeitos que desenhavam nas suas próprias peles, ou inseriam corpos estranhos sem nenhuma higienização, por outro, há um compartilhamento de técnicas profissionais fora do meio médico que cada vez mais atraem não somente jovens, mas sujeitos de diversas idades. Nessa nova perspectiva não clínica, como aponta o autor na citação anterior, os sujeitos estão em uma linha tênue entre os estereótipos de um processo ofensivo ao corpo e psiquiátrico (FERREIRA, 2010) e uma nova forma de se sentir vivo e de proporcionar um gozo da posse de si, a partir da dor causada de forma consentida, o que será mais bem discutido nas análises da seção seguinte.

### 3 Análise dos discursos sobre medicalização no YouTube

O material que compõe o *corpus* para análise se compreende a partir das transcrições linguísticas de dois vídeos provenientes do site *YouTube*, sendo eles de canais diferentes, em que as enunciantoras discutem sobre seus respectivos espaços sociais e familiares e sua relação com a marcação corporal e os cuidados com o corpo após esse processo. Esses vídeos são intitulados de “Meu primeiro piercing doeu muuuito” do canal *Julia Pontes* e “MINHAS

modificações corporais | Experiências e explicações :D” do canal *Maryanne Davila*.

Para que se possam ser discutidas as questões relativas à marcação corporal e seus desdobramentos, toma-se, inicialmente, um excerto do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuito”, em que a enunciadora descreve sua relação com a dor da colocação de um *piercing*, como observado a seguir:

A moça veio com a agulha e pá no meu nariz. Tá, e sobre a dor: foi horrível! Doeu muito! Sério, doeu muito, apesar de doer pra caramba, a dor é muito rápida, eu tentei contar pelo vídeo que vocês devem estar vendo neste momento, deu mais ou menos 7 segundos, mas assim, é os piores 7 segundos da sua vida!

Tá, eu furei, tava até mais tranquila, soltei até uma risadinha, só que daí vem a parte de passar o piercing. Tem gente que não sente nada nessa hora, mas eu senti uma dor pior do que furar. Sério, foi horrível, porque a moça tem que encaixar o piercing num pedacinho de plástico [...]

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuito” do canal Julia Pontes.

Na situação descrita no trecho do vídeo, é possível observar como todos os procedimentos realizados para colocação do *piercing* se assemelham a um procedimento clínico, se comparado a um processo cirúrgico rápido, um trabalho com sutura, aplicação de medicamentos através de injeção, que em suma são procedimentos rápidos. No entanto, esse processo de colocação se faz em um contexto ritualizado, onde não há enfermidade no corpo do sujeito e mesmo assim, ele se dirige a um estúdio para submeter-se a uma grande dor de forma involuntária.

Essa interpretação geral do vídeo dialoga com aquilo que foi mencionado por Ferreira (2010) no que diz respeito aos sentidos gerados pela circunstância da dor, já que a enunciadora relata o instante da perfuração do seu nariz como *os piores 7 segundos da sua vida*. Essa constatação da enunciadora demonstra um rompimento com uma memória não somente discursiva, já que o conhecimento médico se configura como uma forma de silenciamento, por ser um conhecimento prestigiado historicamente por meio da medicina e de outras ciências da saúde, fazendo com que sujeitos aparentemente sem conhecimento técnico sobre a anatomia humana sejam “podados” de agir sobre o corpo.

Quando se alinham as discussões de Orlandi (2007) sobre a censura como um poder ideológico que vai para além do silêncio como falta da palavra, nota-se que no contexto juvenil, principalmente, a palavra clínica atribui como sendo um comportamento o ato de se cortar, perfurar, arranhar etc., ou permitir que

alguém faça isso, se não o médico. Esse silêncio que atravessa a palavra do conhecimento clínico funciona como uma forma de barreira para proibir que o sujeito acesse deliberadamente seu bem capitalizável, nas palavras de Ferreira (2014), que é seu corpo.

Dando prosseguimento às análises, na passagem onde a enunciadora diz *Tá, e sobre a dor: foi horrível! Doeu muito! Sério, doeu muito, apesar de doer pra caramba, a dor é muito rápida* há uma tentativa de amenização do processo doloroso descrito por ela, já que o intuito do seu vídeo é fazer uma espécie de propaganda da sua marcação corporal em um aspecto positivo, sendo assim, ela completa: *Tá, eu furei, tava até mais tranquila, soltei até uma risadinha*. Na primeira parte dessa passagem, ela elenca alguns adjetivos que proporcionam um efeito intensificador a essa dor, que não parece ser uma dor cotidiana, mas ao dar continuidade, ela expressa uma tranquilidade e satisfação após ter passado por esse processo, se referindo a uma “risadinha”.

Algo que deve ser levado em consideração, é que o que está expresso no discurso da enunciadora se alinha a um sentido de *excorporação* do sujeito, que segundo Ferreira (2014) corresponde a exibição e ostentação pública do corpo. Assim, ao enunciar sobre sua marcação corporal e sobre essa nova espécie de produto que é comercializado, ostentado e desejado pelos jovens, ela se utiliza de uma lógica neoliberal para conseguir adesão de seus internautas à prática da marcação, por meio da indução argumentativa, através da sua experiência relatada, além da construção de uma imagem sobre a marcação do corpo, o que inconscientemente produz um sentido de ressignificação de uma memória histórica sobre o corpo marcado de forma encarnada.

Pela ótica da Análise do Discurso é possível observar um embate de forças que não emanam do discurso, mas que só se nota quando é feito um levantamento histórico do processo de marginalização do corpo marcado, sobretudo no século XX, em relação a um processo de divulgação da marcação corporal enquanto mercadoria necessária para exteriorizar uma identificação existente no(s) sujeito(s). Esse caminho de análise possibilita a reflexão sobre o silenciamento versus a tomada do corpo enquanto lugar de existência. Se antes romper com o processo de naturalização do corpo era considerado uma patologia clínica, materializar no discurso um apego pela dor, tal como enunciado no trecho do vídeo e aproximar a causa dessa dor a um processo de

medicalização, significa agora dar um espaço para novas formações discursivas que não colocam a figura social do médico no centro da relevância, quando se fala em modificar o corpo e provocar dores, lesões e perfurações.

Apesar de os sentidos provenientes do discurso da enunciativa fazerem emanar todas essas discussões nas partes analisadas até então, em outro momento do vídeo em questão, ela propõe uma discussão a respeito do pós-perfuração, que se assemelha a um processo pós-cirúrgico, como exposto no trecho a seguir:

Cheguei em casa toda feliz porque finalmente eu tinha colocado piercing no nariz, só que daí eu fui ver e o piercing tava torto [...]

Aí eu fiquei desesperada, escondi o piercing e daí minha mãe ligou no estúdio pra ver se eles podiam fazer alguma coisa. E daí eu fui lá, a mocinha foi muito legal comigo e aí ela ajeitou o furo [...] mas aí dessa vez não doeu nada, foi bem tranquilo. Então se acontecer com você de seu piercing ficar torto, dá uma ligadinha no estúdio que você furou pra ver se eles podem te ajudar né, porque daí foi o que eu fiz.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuito” do canal Julia Pontes.

A contradição apresentada no trecho acima relata o fato de que apesar de a perfuração ter tido êxito, a joia ficou mal posicionada, necessitando o retorno ao estúdio de tatuagem, dando destaque novamente a figura do profissional tatuador. Com essa presença discursiva, de um novo profissional para fazer os procedimentos no corpo do cliente e recomendar cuidados clínicos, reforça-se o embate ideológico que há com o silenciamento proposto pela área da saúde.

Assim, é possível observar que o discurso proferido pela enunciativa sobre seu retorno ao estúdio de tatuagem se assemelha ao ajuste de uma sutura ou a revisão de algum procedimento parecido, mas além dessas questões, a própria descrição que ela faz sobre a hospitalidade da profissional de tatuagem recobre uma memória discursiva sobre a profilaxia contra doenças infecciosas.

Pedro e Aguiar (2016) comentam que no início do processo de implementação da marcação corporal, houve extrema rejeição social, já que os materiais utilizados eram precários e reutilizados em diversas pessoas, que apenas contribuem para reforçar o discurso estereotipado, remetendo a um interdiscurso, que atribui à tatuagem a ideia de “coisa de bandido” (JEHA, 2019) ou que se amarra a ideia de sujeitos que propagam doenças, já que quando se retoma, por exemplo, a epidemia de AIDS que assolou o mundo nos anos 80. Nesse caso, o compartilhamento de materiais cortantes e

perfurantes é também uma das principais causas de infecção, para além da prática sexual. Isso provocou, segundo Pereira (2016) uma rigorosa regulamentação sanitária sobre esses estúdios, para que a saúde física dos clientes fosse assegurada.

É nessa perspectiva de assepsia que a enunciativa destaca a importância dos cuidados após a perfuração do corpo:

Quando você fura o nariz é preciso também ter alguns cuidadinhos em casa. Uma vez por dia, você tem que lavar o seu piercing com sabonete antibacteriano.

Trecho extraído do vídeo “Meu primeiro piercing doeu muuuito” do canal Julia Pontes.

Assim como nos outros trechos deste vídeo, a enunciativa se propõe a produzir um discurso instrutivo para seus internautas, fazendo com que o vídeo tenha um caráter de tutorial ou manual, o que remete ainda a já ditos que se materializam nessa formação discursiva no fio de um interdiscurso sobre o corpo da mulher. É possível inferir a influência ideológica que há dessas materialidades no discurso da youtuber, de modo a reconstituir uma memória sobre um corpo limpo, inerente ao sexo feminino.

Ainda se tratando dos aspectos enunciativos, a forma como ela profere o discurso do *aftercare* tenta retirar sua figura do escopo enunciativo, quando se refere aos cuidados que ela aconselha a fazer na forma de um tu, que para Flores e Teixeira (2017) se configura como um processo intersubjetivo. Isso fica claro quando ela diz *Quando você fura o nariz ou você tem que lavar o seu piercing*, já que nesses e outros casos esse tu ao qual ela se refere também incluiria ela, mas sua posição enunciativa a coloca na posição de um expectador externo, desempenhando um papel altruísta.

Esse mecanismo linguístico contribui para que o seu enunciatário consiga se perceber no interior dessa enunciação de modo que a aproximação entre o *youtuber* e o internauta seja estreitada. Para além desse aspecto linguístico, em termos de sentido, essa característica instrucional reforça a ideia de que mesmo fazendo uma marcação tão invasiva quanto o *piercing*, a profilaxia e a assepsia irão garantir o máximo de naturalização possível do corpo, evitando que sejam deixadas cicatrizes expostas, agressivas, protuberâncias ou algum outro processo de desalinhamento físico, já que todo o contexto do vídeo reforça a imagem de um novo padrão de beleza e de aceitabilidade social, que é o corpo marcado.

Com relação ao vídeo intitulado “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D” do canal *Maryanne Davila*, há uma profundidade e uma amplitude em relação a discussão do vídeo anterior, já que ele se trata da tatuagem e do *body piercing*, além do fato de a enunciativa também ter a língua bifurcada e ter os olhos tatuados, prática conhecida como *eyeball tatoo*. Dessa forma, ela diz o seguinte:

Eu tive uma preparação antes, uns 3 meses antes eu fiquei preparando meu olho colocando soro fisiológico, essas coisas, então não foi de um dia pro outro. A recuperação é de uma semana. É muito tranquilo. Eu não enxergo preto, eu enxergo normal, eu só uso óculos porque eu uso grau desde criança. Mas não afetou em nada. É como se eu nem tivesse. É normal. Mas claro que você tem que, você sempre tem que procurar um bom profissional pra fazer se não mancha aqui e tal, pode não ficar bom, a tatuagem pode ficar uns resquícios brancos e tudo dependendo da cor que você quer, mas eu vou repetir: eu não recomendo você fazer, principalmente pelo preconceito [...]

Trecho extraído do vídeo “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D” da *Maryanne Davila*.

O que emana da discussão do trecho extraído é a desnaturalização que ultrapassa os limites da pele, a preparação que é relatada no discurso da enunciativa recobre a discussão sobre a medicalização fora do espaço clínico novamente, porém diferente do vídeo analisado anteriormente, a enunciativa não recomenda a prática que ela realizou, já que além de ter sido feito em um órgão extremamente sensível, o repúdio social frente a imagem dessa parte do corpo marcada pode ser muito maior.

Para além dessas questões, são pontuados aspectos relacionados à descrição física do olho da enunciativa como na passagem *Eu não enxergo preto, eu enxergo normal, eu só uso óculos porque eu uso grau desde criança* que funciona como uma resposta a discurso de marginalização do seu corpo. Alguns trechos do seu discurso funcionam como uma enunciação imaginada, já que de fato não há uma fonte que possa confirmar por parte dela quais as perguntas a ela direcionadas ou para essas respostas foram produzidas, mas é possível notar que o sentido do que é falado por ela possibilita esses caminhos de interpretação do discurso.

Outro parâmetro de análise quando se compara a discussão de ambos os vídeos, é que no caso do segundo a enunciativa está mais atrelada a um desejo de demarcação de uma identidade mais individualizada. Obviamente, ela teve referências para chegar até essas marcações, mas a não recomendação delas para seus internautas demonstra como a proposta de um vídeo de forma

geral não diz respeito a uma divulgação da marcação, mas sim de formas de fuga de um “centro” de padronização social mais severa.

Com base nos aspectos levantados sobre o vídeo “MINHAS modificações corporais | Experiencias e explicações :D”, cujo aspecto principal incide sobre o fato de que a enunciativa apresenta um discurso revoltado quanto aos comentários negativos, é possível ainda analisar tais questões sobre o aspecto do silêncio e seus desdobramentos. Ao observar os já-ditos que ecoam desses dizeres, é possível notar que o discurso da enunciativa está atravessado por ideologias de resistência e de disputa de forças de sentidos em relação aos discursos que atribuem à marcação extensa uma imagem disruptiva, imoral e diabólica.

Ao distinguir o silêncio fundador da política do silêncio, Orlandi (2007) fala sobre o silêncio que significa por si só e sobre a censura, que respectivamente se desdobram da relação de forças e de sentidos que colidem a partir das formações discursivas. Se tratando mais especificamente do caso do último vídeo em análise, as formações discursivas que são passíveis de serem identificadas perpassam por uma memória histórica do corpo extensamente modificado no ocidente e como esses corpos (re)sistiram frente às forças ideológicas que os silenciaram. Ou seja, o discurso da enunciativa é organizado como tal devido aos sentidos históricos do silêncio que recaem sobre seu corpo. Esses sentidos podem ser observados no trecho seguinte:

Claro que é realmente muito estranho né, tipo... “ah, você tem a língua cortada e tal, tem o olho tatuado e tal, você é muito estranho”.

[...]

Então gente, você, você meu querido amigo, cê tem o direito de falar qualquer coisa sobre meu olho, falar não, pensar né, você tem o direito de pensar qualquer coisa, mas não falar. Sim, realmente tem muita gente que fala que meu olho é estranho, que minha língua é estranha e que eu deva aceitar. Sim, eu aceito! Eu aceito sua opinião. Só que queridos, opinião é uma coisa, ignorância é outra. Como saber a diferença entre ignorância e opinião: opinião é tipo você chegar e me falar: ‘Nossa, seu olho é bem diferente, né? Eu não faria isso’.

Já a ignorância, é você chegar e falar: “nossa, seu olho é ridículo, credo eu não faria isso, parece o demônio!”

Trecho extraído do vídeo “Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafo!” do canal *Maryanne Davila*

Apesar da articulação do discurso neste vídeo apresentar trechos que se configuram como enunciações imaginadas para possíveis perguntas, o sentido do que é dito demonstra que socialmente a imagem do corpo marcado na perspectiva que é debatida no vídeo é extremamente hostil e excludente. Esses

possíveis enunciatários retiram toda a humanização do sujeito, colocando esse corpo em uma esfera do exótico, que segundo a enunciadora se faz por meio de uma “ignorância” disfarçada de opinião, mas na verdade é um discurso carregado de ideias depreciativas que são passíveis de serem inferidas sob a ótica do interdiscurso, que aponta para o histórico do corpo desnaturalizado, ao qual se atribui ainda um sentido patologizante de um sujeito delinquente.

Isso reflete o poder histórico do silêncio enquanto censura que se materializa através das formações discursivas no fio do interdiscurso. Esse silêncio não se materializava enquanto ausência do discurso sobre o corpo marcado no decorrer dos anos, mas pelo discurso de sujeitos que enunciavam esse corpo no viés da marginalização. Assim, as formações discursivas que interpelavam as falas desses sujeitos recobriam posicionamentos sociais muito específicos, como o olhar do médico sobre o corpo patológico, da figura dos órgãos da lei que associavam o corpo marcado ao comportamento criminoso, ao poder da igreja que demoniza o corpo que se diferencia anatomicamente do ideal divino, por exemplo.

De forma sintética, não há um espaço social para que o sujeito utilize as palavras para produzir sentido sobre sua perspectiva ideológica, lhe é subtraído o espaço de discussão sobre a temática cuja identificação se torna parte inseparável da sua vida, já que a marcação permanente em seu corpo se fará presente em todos os momentos da sua vida, clivando parte da sua existência.

A questão das posições do sujeito frente ao seu discurso é comentada na seguinte citação:

No entanto, há um aspecto interessante a observar em relação a esse mecanismo de censura. Como, no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou melhor, proíbem-se certas “posições” do sujeito. A censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação (ORLANDI, 2007, p. 76)

Essa reflexão da autora ilustra muito bem a situação do sujeito frente a censura do silêncio, pois como no caso do vídeo do canal *Maryanne Davila*, à medida que são resgatados os não-ditos que emanam do seu discurso, percebe-se que ele é constituído em oposição a um silenciamento histórico que não proibia a materialização das palavras, mas que utilizava-se deste poder



para deslocar o sentido e as palavras, de modo que a existência de sujeitos marcados com *piercings*, tatuagens e língua bifurcada não fosse enunciada enquanto cidadãos que demandam ter suas identidades reconhecidas e seus espaços sociais conquistados, em vez de seres esquecidos e negligenciados.

O jogo discursivo se mostra bastante complexo, já que os sentidos mudam e a heterogeneidade ideológica que se materializa nas formações discursivas faz com que o movimento do silêncio mude o tempo todo. Apesar de ter sido traçado um caminho de análise, sabe-se que o sujeito é constituído a partir do seu discurso, portanto as tomadas de posição discursiva não apontam somente para um único caminho de sentido, já que esse sujeito é clivado e sua identidade não é fixa e está em constante processo de reorganização e de embates.

## Considerações finais

A partir das análises dos dois vídeos, foi possível compreender a complexidade que envolve a discussão sobre os corpos marcados na modernidade, sobretudo quando se toma como base a perspectiva discursiva, em que o silêncio da palavra mostra seu sentido de forma sutil. Contudo, é possível analisar que fazer uma tatuagem ou colocar um *piercing* abre caminho para analisar diferentes perspectivas de sentido, sejam elas comerciais ou mais voltadas ao viés identitário.

Em relação ao contexto da discussão proposta neste trabalho, foi possível observar que os cuidados voltados para a medicalização da marcação corporal quanto a assepsia são bastante presentes no discurso das enunciantoras, que apesar de serem categóricas quanto à marcação como um elemento necessário para a legitimação das suas identidades, produzem um sentido de cuidado e de prevenção da integridade física do corpo, o que se faz presente tanto no viés argumentativo quanto no discursivo e ideológico.

É importante destacar também, que essa demonstração de cuidado com o corpo que é perpassada pelo discurso nos vídeos se apresenta como um desdobramento do viés interdiscursivo acerca da imagem que recai sobre os estúdios de tatuagem, sobre a figura do tatuador e da necessidade em regulamentar cada vez mais esse seguimento no âmbito profissional, sendo atribuída uma seriedade e um cuidado com o sujeito a ser marcado semelhante

ao de um paciente em um contexto clínico. Por outro lado, na perspectiva do silêncio e de como as formações discursivas estão dispostas nos discursos das pessoas com tatuagens e *piercings*, é possível observar que as ideologias ali presentes representam uma tentativa histórica de resignificação do sujeito marcado, para que ele e as marcações em si deixem a esfera da patologia, da criminalização e desnaturalização e se encaixem em um novo conceito de beleza e normalidade.

## Referências

- DAVILA, Maryanne. **Como ser FELIZ sendo MODIFICADA? Lutando contra o PRECONCEITO! | + Desabafol**, 2017. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0tZfgjnsO0>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- FERREIRA, Victor Sergio. **A tatuagem e o body piercing como arte corporal de ética da dissidência**. In Correia, V. (org.), *Corpologias - vol. I: O corpo humano e a arte* (p. 406-434). Óbidos: Sinapis, 2014.
- FERREIRA, Victor Sergio. Tatuagem body piercing e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização. **Saúde Soc.** São Paulo, v.19, n.2, p.231-248, 2010. DOI 10.1590/S0104-12902010000200002 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Sr86fzvB9PCgXjPK4k5YndH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2022
- FLORES, Valdir do Nascimento.; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. 2. ed. A reimpressão: São Paulo: Contexto, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HENRY, Paul. **Os fundamentos teóricos da "Análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969)**. Tradução de Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997d. p. 13-37.
- JEHA, Silvana. **Uma história da tatuagem no Brasil**. São Paulo: Veneta, 2019.
- LEBRETON, David. **A Sociologia do corpo**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LEBRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). Tradução de Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Cmpinas, SP. Editora da Unicamp, 1997, p. 311-319.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2010, p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al.]. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp. 1995.
- PEDRO, Fabiano Oliveira; AGUIAR, Helder de Souza. Visual Corporativo: a influência da tatuagem na carreira profissional. **Novos Saberes-Revista Digital Acadêmica**, v. 2, p. 24-44-44, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/30229136/VISUAL\\_CORPORATIVO\\_A\\_Influência\\_da\\_tatuagem\\_na\\_carreira\\_profissional](https://www.academia.edu/30229136/VISUAL_CORPORATIVO_A_Influência_da_tatuagem_na_carreira_profissional). Acesso em: 29 jan. 2022.
- PEREIRA, Beatriz Patriota. **"O mais profundo é a pele": processos de construção de identidade por meio da tatuagem**. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7471>. Acesso em: 29 jan. 2022.

PONTES, Julia. **Meu primeiro piercing doeu muuuuito**, 2015. 1 vídeo (6 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9DLl6KxcNkU>. Acesso em: 29 jan. 2022.